PALÁCIO DA BOLSA OFICIAL DE CAFÉ DE SANTOS/MUSEU DO CAFÉ
VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E A SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA

Marjorie C.F. Medeiros
Museu do Café de Santos

Resumo
Nos últimos anos o setor turístico brasileiro tem incrementado o turismo de lazer cultural que compreende as atividades relacionadas à vivência do conjunto de elementos do patrimônio histórico, cultural a momentos de lazer, como exemplo, na cidade de Santos temos o Museu do Café, no Centro Histórico, equipamento que valoriza e promove a história econômica do café na cidade e ao mesmo tempo um passeio agradável que termina com um delicioso cafezinho.

Abstract:
In the last years, the Brazilian tourism sector has increased the cultural/leisure tourism which comprehends the activities related to the experience of the diverse elements of our historical and cultural heritage at moments of leisure. In the city of Santos, for instance, we have the Coffee Museum in its Historical Center, an attraction that enriches and promotes the economical history of the coffee trade in the city and, at the same time, offers a pleasant visit that ends with a delicious cup of coffee.

INTRODUÇÃO

É incontestável a importância que o café proporcionou a partir de meados do século XIX no desenvolvimento econômico do país. Gerou riqueza e progresso; alterou costumes e melhorou a qualidade de vida; implantou a ferrovia, que transformou a relação tempo espaço; mudou a arquitetura e as cidades, enfim, tudo que estivesse sob sua influência tomou novos rumos históricos.

Santos como principal porto exportador e o maior centro do comércio cafeeiro, embarcava o produto e recebia as mais recentes novidades vindas do mundo. Com o café a

cidade se transformou para suprir as mais recentes demandas. Modernizou o porto, novos edifícios foram erguidos, tais como, os armazéns de beneficiamento de café, teatros, bancos e corretoras. Outras formas de organização social se apresentavam, seguindo os ventos modernizantes da economia agro-exportadora, trazendo conjuntamente costumes e hábitos determinados pelo paradigma das modernas cidades européias.

A região central santista é a mais representativa deste ciclo histórico, com marcos materiais e imateriais do produto, apresentado por referências subliminares ainda presentes no cotidiano, como no aroma de café torrado no ar, no traçado urbano e na escala volumétrica das edificações. Construções de uma época que mantiveram os mesmos assentamentos, que asseguram o sentido de permanência.

Nesses termos merece destaque a Rua Quinze de Novembro, que diariamente acolhe em suas esquinas as movimentações de corretores de café, balizados pelo conjunto arquitetônico representativo do estilo eclético, tendo seu ícone maior o edifício da Bolsa de Café, considerado símbolo da revitalização do centro e apogeu de uma época.

Oficialmente intitulado Palácio da Bolsa Oficial de Café de Santos, o edifício carrega desde sua denominação a simbologia de origem, é uma história à parte na paisagem urbana da área central e para a sociedade local. Construído pela Companhia Construtora de Santos do engenheiro Roberto Cochrane Simonsen foi inaugurado em 07 de setembro de 1922, dentro das Comemorações ao Centenário da Independência ([1]), para gerenciar os negócios agro-exportadores do "ouro negro", e tombado no âmbito Municipal, Estadual e recentemente pela instância Federal, sua importância e significado foi assim qualificado por Luiz Fernando de Almeida, presidente do IPHAN: "o tombamento do edifício fecha um processo de defesa do Patrimônio Nacional e Cultural do ciclo do café, faltava um exemplar da relação do café com o exterior, que está justamente sintetizada neste edifício" ([2]).

Desde sua concepção o edifício assumiu um caráter propagandístico, ou seja, simbolizava e difundia a riqueza do Estado, com objetivo de atrair capital e trabalho. Para isso, a construção da Bolsa reuniu todos os atributos estéticos, monumentais e urbanísticos necessários à esta finalidade.

Situado na Rua Quinze de Novembro, considerada na época a "Wall Street Santista" devido à semelhança em volume de negócios com a existente em Nova Iorque; junto ao cais, local de concentração de bancos e corretoras de café; complementando um cenário arquitetônico pujante, onde a Bolsa foi centro e marco simbólico desse universo.

Para a comunidade local que possui uma forte relação afetiva com o edifício, ele carrega no imaginário a idéia do referencial urbano mais do que o enfoque museal, considerando-o um patrimônio monumento, o orgulho de uma época, conceito a que Ulpiano Bezerra de Meneses se refere como a *fetichização* do edifício, isto é, não são sentidos e valores das coisas, mas sentido e valores que a sociedade produz, armazena, faz circular, recicla e descarta ([3]).

Ícone de todo o programa de revitalização, a Bolsa impulsionou o processo de valorização do centro, na ocasião apresentava um acentuado quadro de esvaziamento, iniciado na década de 1970, gerando uma crescente deterioração arquitetônica tanto no patrimônio público quanto no privado.

Revitalização que teve por base as políticas urbanas de valorização de áreas centrais deterioradas que, segundo Harvey, as torna ”convidativas do ponto de vista turístico e comercial, por meio da resignificação dos espaços urbanos”([4]). Interferência, que aliou práticas de restauração e preservação dos edifícios, com estímulo para investimentos que possibilitassem novos estabelecimentos comerciais, serviços e lazer, trazendo um público renovado ao centro, dando uma nova dinâmica ao local.

Dentro deste processo de reutilização e revitalização da área central, um dos pontos positivos foi a restauração e reabertura do edifico da Bolsa como sede do Museu do Café, ocorrido no final de 1998, seguido da inauguração da cafeteria do Museu. Conjunto de ações que deram um impulso maior na apropriação da paisagem do centro, incrementando o número de personagens, com uma dinâmica diferenciada, resultando outras práticas culturais, de lazer, de sociabilidade e valorização do espaço .

Movimento fomentado no primeiro momento com a abertura para a população do Salão do Pregão, que permanece conservado desde a inauguração em 1922, local que nos estimula a reflexão sobre a memória social da época, na riqueza dos materiais empregados e

---

[1] . BARBOSA, Caldatto Gino; & BARBOSA, Caldatto Ney; & ALVES, Fernadéz Jaqueline. Dentro deste universo de construção simbólica foi inaugurado a nova exposição do Museu Paulista, o Pouso da Maioridade na Serra do Mar, o edifício da Bolsa, a Praça Rui Barbosa e a Praça Independência, os três últimos em Santos. In.: *O Palácio do Café*, Ed.Magma Cultural, 2004, p.79.

[2]. Revista do Café. *Bolsa é Patrimônio Nacional*. Editora: Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro, Ano 85, dez.2006, n. 820, p.48.

[3]. MENESES, Ulpiano Bezerra de. *O Discurso Museológico: um Desafio para os Museus*, in. Ciências em Museus, 1992, p.109.

[4]. FRÚGOLI JR., Heitor. *Centralidade de São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez : Editora Universidade de São Paulo, 2000

na representatividade dos ornamentos, que de acordo com Durkheim o espaço não pode ser desvencilhado do mundo social que o produz e é por ele produzido (Frehse, 2000).

A simbologia da construção, mais a exposição museológica, as diversas atividades do museu e a cafeteria são componentes que têm ampliado o número de visitantes no centro. Desde a sua abertura uma das principais atribuições que se consolida é a função social da instituição, com o desenvolvimento de processos que estreitem a ligação do indivíduo com o patrimônio, no caso do Museu, a história do café e a contextualização do edifício em seu entorno, interagindo com a comunidade em que está inserido, são enfoques que convergem para as atividades planejadas: exposições, palestras, cursos e parcerias com diversas instituições públicas e particulares.

Através da exposição de longa duração A Trajetória do Café no Brasil as escolas de Santos e do estado de São Paulo buscam interagir os alunos com a história da cidade, do estado e do pais, utilizando a exposição e o lugar como complemento da aula ministrada. Ou como função turística mostrando através do edifício e da exposição de parte do seu acervo à pujança de uma época, ações que resultaram ao Museu durante o ano de 2007 a visitação de quase 50 mil pessoas.

Em suma, é inquestionável a contribuição da restauração do edifício da Bolsa, da abertura do Museu do Café para o processo de valorização histórica da região e do próprio edifício, incentivando o turismo cultural e para a reapropriação do Centro Histórico por novas formas de sociabilidade e a introdução de novos ritmos no cotidiano local.

A Bolsa do Café, o Museu são patrimônios interligados com seu entorno, tendo como pano de fundo o Café, símbolo de sociabilidade, que está no cotidiano de cada cidadão, material propício para desenvolver além de um trabalho de turismo cultural, um trabalho histórico-social, buscando ações que incluam estes indivíduos a participar como parte desta história e afirmando as singularidades da identidade local.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Caldatto Gino; BARBOSA Caldatto Ney; ALVES, Fernandéz Jaqueline. *O Palácio do Café*

BRUNO, Profa. Dra. Maria Cristina O. *Museologia: princípios teórico-metodológicos e a historicidade do fenômeno museal*. Curso de Especialização em Museologia, 2001/2002, Museu de Arqueologia e Etnografia da USP.

FREHSE, Fraya. Scielo, In. Revista da Antropologia, vol.43, nº.2, São Paulo, 2000.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. *O Discurso Museológico: um Desafio para os Museus*, in Ciências em Museus, 1992.

FRÚGOLI JR., Heitor. Centralidade de São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez : Editora Universidade de São Paulo, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro:notas para uma etnografia urbana*. Texto do Núcleo de Antropologia Urbana, p.3.

Revista do Café. *Bolsa é Patrimônio Nacional*. Editora: Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro, Ano 85, dez.2006, n. 820.

ZUKIN, Sharon. *Espaço da diferença: paisagens urbanas pós-modernas mapeando cultura e poder*. Antonio Arantes, org.